

Sem Dines, imprensa brasileira perde seu jornalista mais intrépido

Divulgação / EBC



Imprensa brasileira sentirá falta do jornalista mais intrépido do país.
Divulgação / EBC

Alberto Dines, que morreu nesta terça-feira (22/5) em São Paulo, foi um dos mais importantes jornalistas da história brasileira. Participou das duas experiências mais inovadoras da imprensa escrita no Brasil.

Quando Dines assumiu como editor chefe do *Jornal do Brasil*, em 1962, pode-se dizer que a reforma gráfica e editorial comandada por Odylo Costa e por Jânio de Freitas já estava consolidada, inaugurando uma nova fase no jornalismo brasileiro. Mas coube a Dines, nos 11 anos que comandou o então mais importante e carismático jornal do Brasil, transformar a até então quase informal atividade jornalística em um empreendimento empresarial planejado e objetivo. “Dines era um grande planejador, um organizador de sistemas e métodos, pensava o jornal estruturalmente, como empresa, e sempre em busca de inovações e de maneira a aperfeiçoar o trabalho e o funcionamento geral”, diz dele o jornalista Cezar Motta, no excelente livro *Até a Última Página – Uma história do Jornal do Brasil*. “Percebeu que precisa implantar um organograma e uma divisão mais clara de tarefas.”

O próprio ingresso de Dines no *Jornal do Brasil* para ocupar o posto mais alto na hierarquia da redação mostra a informalidade da imprensa brasileira até então. Cauteloso com o novo emprego, Dines manteve o contrato de trabalho na revista *Fatos e Fotos*, da editora Bloch. Manteve as duas ocupações e quando o *JB* comprou o jornal *Tribuna da Imprensa*, do governador da Guanabara, Carlos Lacerda, ele passou a ser editor-chefe, também, da nova publicação.

Foi durante sua gestão que o *Jornal do Brasil* teve seu primeiro Manual de Redação, o guia com as regras básicas do texto jornalístico. Elaborado pelo redator Lago Burnett, o livrinho começava com a lição número 1 do bom jornalismo: “No *lead* devem figurar tanto quanto possível, em período corrido de cinco linhas no máximo e três no mínimo, as respostas às perguntas ‘o quê? Quem? Onde? Quando? Como? E por quê? A ordem direta é sempre a mais aconselhável. A notícia deve vir primeiro e depois o informante”.

Também sob seu reinado no *JB* pontificaram alguns dos mais icônicos jornalistas do país. Na página 2



do Jornal estava Carlos Castello Branco com sua *Coluna do Castello*, a coluna sobre política mais prestigiada da época; no caderno B, estava Zózimo Barroso do Amaral, com a coluna social que revolucionou o gênero; no esporte havia Armando Nogueira com *Na Grande Área* (sem falar em João Saldanha e Sandro Moreyra, seus vizinhos de espaço e de tema). Um repórter que causou reboliço mas durou pouco foi Fernando Gabeira, que deixou o *JB* para fazer a revolução armada. Outro que durou pouco foi Jorge Paulo Lemman, que escrevia uma coluna de economia. Deixou o *Jornal* por incompatibilidade de funções: preferiu ficar no mercado financeiro, onde já operava, para se tornar um dos homens mais ricos do mundo.

Ficou no *JB* por 11 anos e foi demitido pelo dono do jornal, Manoel Francisco do Nascimento Brito, em dezembro de 1973. Conta-se que um dos motivos da demissão teria sido a capa do jornal do dia 12 de setembro daquele ano, sobre o golpe de Estado do general Augusto Pinochet e a morte do presidente do Chile, Salvador Allende. Naquele dia, o agente da censura imposta pela ditadura no Brasil telefonou para a redação do jornal e avisou por telefone: “Por ordem do Departamento de Polícia Federal, fica proibida a divulgação de fotos, manchetes ou sensacionalismo sobre a situação no Chile. Dines, em combinação com o chefe de redação, Carlos lemos, acatou a determinação do censor: fez a capa do jornal sem nenhuma, foto, sem manchete e sem títulos. Apenas m texto que começava assim: “O presidente Salvador Allende, do Chile, suicidou-se ontem com um tiro na boca no Palácio de La Moneda. (...) O Palácio fora submetido a um intenso bombardeio de aviões e tanques durante mais de quatro horas”. A tiragem do jornal esgotou-se. O censor não pôde reclamar, pois sua ordem fora cumprida integralmente. Os chefes militares não gostaram. E tampouco o dono do jornal, que negociava com o governo a concessão de um canal de televisão.

O *Jornal do Brasil*, mesmo sem Dines, continuaria sendo o mais charmoso e prestigioso diário brasileiro por um bom tempo, até sucumbir melancolicamente sob uma montanha de dívidas no início do Século XXI. E Alberto Dines seguiria seu caminho como um dos mais intrépidos jornalistas do país.

Seu próximo desafio foi chefiar a sucursal carioca do jornal *Folha de S.Paulo*. Foi convidado pelo diretor de redação, Cláudio Abramo, então empenhado na implantação do chamado Projeto Folha, o programa de reforma e modernização que haveria de transformar o tímido jornal paulista num dos mais respeitados meios de comunicação do país e o de maior circulação. O Projeto Folha sistematizou normas de escrita e conduta e implantou instrumentos de controle de produção. Uma das principais colaborações de Dines para o projeto foi a coluna *Jornal dos Jornais*. Publicada aos domingos, a coluna fazia a crítica da imprensa em geral, sem poupar a própria *Folha*.

Dines já não estava na *Folha* quando ela criou, em 1989, a função do Ombudsman, exercida por um jornalista da casa com a missão de fazer a crítica do jornal. Mas Dines não deixou, ele próprio, o hábito de apontar os erros e mazelas da imprensa. Em 1996, depois de uma passagem por Portugal, onde criou a versão europeia da revista *Exame*, da Editora Abril, Dines voltou ao Brasil para lançar o seu *Observatório da Imprensa*, uma publicação com versões na internet, no rádio e na televisão, em que fazia a crítica do comportamento da imprensa.

Em tempos em que as *fake news* avançam sob as mais variadas formas, pode-se dizer que Dines fará muita falta.

Date Created

22/05/2018